

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 100

Data: 12 de Dezembro de 1987

Pg.: 18

Determinismo genético e a antropologia

ROGÉRIO C. DE CERQUEIRA LEITE
Do Conselho Editorial

Para Lorentz, naturalista e pensador, para Timbergen, idealista sincero e compenetrado pesquisador, e os demais pioneiros da etologia, o patrimônio genético não apenas atuava como substrato estrutural para o comportamento individual como também obsessivo planejador do triunfo final da própria espécie. Para Wilson e demais especialistas que vieram a constituir a controversa escola denominada sociobiologia, o gene é a própria unidade do egoísmo primevo. Seu comando obsessivo e monotônico é no sentido da auto-propagação. Sem concessões, sem generosidade. E mesmo o conceito de altruísmo é amoral, pois visa simplesmente a preservação de seus próprios descendentes e portanto de suas réplicas.

A antropologia, de uma maneira geral, reagiu aos ensinamentos de Lorentz. O determinismo genético da

Etologia foi condenado veementemente pela antropologia cultural, pelos seus mais dignos membros, de Mead a Montagu, como amoral e perverso. Foi uma eloquente batalha em que o dragão da realidade biológica derrotou o puríssimo São Gabriel do humanismo culturalista, uma das mais singelas utopias elaboradas pelo homem do século 20.

Pois bem, não se passaram vinte anos e o vilão se converte em herói para ser derrotado por um inimigo ainda mais perverso e irredutível. Já não é a espécie, a humanidade que é o objeto da proteção exclusivista do gene, mas a própria descendência. A etologia é cooperativista, a sociobiologia é corporativista. Para o etólogo a natureza obriga o homem a estender a mão ao homem. O que a esquerda condena na etologia é a inflexibilidade, o fatalismo, mas não a inerente filantropia. A sociobiologia pressupõe um estreito corporativismo. Tradição, família e propriedade. A humanidade é sacrificada em

benefício da família. Para o gene só merece a preservação o seu idêntico, o que na prática significa seus descendentes e seus irmãos. Os demais são concorrentes, adversários, inimigos. E precisam, portanto, ser eliminados. A escolha fica, pois, entre o determinismo da etologia e o egocentrismo exclusivista da sociobiologia, pois já não se pode negar a importância da genética como substrato seminal do comportamento específico e individual.

Pois bem, a escolha é, para muitos, impossível. E o conflito insuportável. Porém, uma nova hipótese conciliadora, surge no caótico firmamento de concepções psicobiológicas. O gene, diz essa nova teoria, privilegia não apenas o seu sucessor mas também aquele que lhe é similar. Ou melhor, ele não está interessado na "origem" do gene ao qual estende sua proteção. Se é descendente ou se é por simples coincidência que assemelha ao próprio, pouco importa.

É claro que esta teoria pressupõe a

transferência dessa propensão para o vetor do gene, no caso o indivíduo humano em questão. É preciso não esquecer que todas estas concepções reduzem o homem, o animal, a planta, o que seja, a meros portadores de um agregado genético, atuando com objetivos que são determinados pela estratégia de propagação contida no gene.

Assim o pai que encontra uma criança muito parecida com seu próprio filho estenderá a ela sua proteção. Esta concepção encontra suporte em muitas experiências de psicologia em que uma certa empatia é identificada entre indivíduos fisicamente semelhantes.

Mas, se por um lado ameniza a rigidez anti-social do gene egoísta da sociobiologia, por outro, não parece resolver a maioria das características amorais da doutrina sociobiológica. Uma das objeções que certamente surgirão é o suporte biológico para o racismo, pois diferenças físicas entre raças diversas decorrem de divergências na constituição genética. A biologia é por certo, impiedosa.